

O ERRO QUE DÁ CERTO

Lorraine Domingues da Silva Mercante

Graduanda em Pedagogia
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Luan Angelino Ferreira

Graduando em Pedagogia
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Suelen Kobayashi Costa

Graduada em Pedagogia pela UFMS/CPTL
Mestra em Educação pela Unicamp
Professora e coordenadora do curso de Pedagogia AEMS

RESUMO

O presente artigo intitulado “o erro que dá certo”, tem por objetivo, após inquietações, analisar como o professor reage frente ao erro dos alunos. Igualmente, desvelando e argumentando que o erro pode ser um veículo para o verdadeiro aprendizado, se bem trabalhado pelo professor. Nessa perspectiva serão descritos os modos de intervenção e a prática pedagógica que os professores devem recorrer. Será desenvolvida uma análise bibliográfica, de cunho qualitativo. A justificativa da escolha da metodologia se dá pela necessidade de uma coleta de dados mais transparente possível, haja vista que a observação pode acabar influenciando os agentes pesquisados (professores).

PALAVRAS-CHAVE: Erro; Intervenção Pedagógica; Construção do conhecimento.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa sobre um breve estudo bibliográfico de como o professor deve encarar o erro dos alunos, trabalhando de forma com que esse erro seja algo frutífero, sendo um auxílio dentro de sala de aula.

Como já ressaltado, este estudo trata-se de um breve estudo, onde percorreremos desde o conceito do que é o erro segundo o dicionário Aurélio e o que pensam autores que abordam essa temática. Posteriormente, faremos nossa análise a respeito do assunto, levantando os principais pontos do estudo.

A necessidade de se pesquisar sobre, parte de nossas inquietações em desvelar como o professor deve se portar frente ao erro do aluno, demonstrando que essa questão deve ter um olhar atento e diferenciado pelo professor, pois, dependendo da forma que se reage frente a esse erro o aluno irá aprender verdadeiramente, ou será constrangido e inibido e criará uma barreira, trazendo uma

problemática para seu processo de ensino/aprendizado ou apenas passará em branco e o aprendizado não obterá.

Este trabalho, não tem por objetivo trazer uma fórmula de qual o caminho que o professor deve percorrer para trabalhar o erro dos alunos, já que isso é algo complexo e subjetivo, haja vista que cada sala de aula é diferente uma da outra e os alunos também, cada um com sua singularidade, com seus conhecimentos prévios e sua realidade.

Sendo assim, temos como objetivo principal levantar situações dentro de sala de aula, onde professores devem estar atentos para saber trabalhar de forma que não venha inibir o aluno quando ele errar. Outrossim, demonstrar que o professor deve ser reflexivo sobre suas ações, ou seja, deve exercitar sua práxis, pois quando falamos em trabalhar o erro, o mesmo serve para o professor, tendo em vista que nem tudo que o professor planejar para suas aulas dará certo.

Assim, cabe apenas ao professor ter consciência de sua prática e metodologia utilizada que não deram certo, e não transferir a responsabilidade do fracasso em sala de aula apenas para os alunos. Acerca dessa questão, Hypolitto (1999) salienta que: Faz-se necessário, cada vez mais, que o professor esteja engajado em uma pedagogia culturalmente sensível, ou seja, voltando suas atenções para o educando e suas necessidades, através do conhecimento da realidade linguística e social do aluno e suas limitações.

Para o desenvolvimento deste estudo utilizamos uma abordagem qualitativa pautada na estratégia de pesquisa da revisão bibliográfica que busca conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existente sobre um determinado tema ou problema (KÖCHE, 2012.).

ANÁLISE DO ERRO

“Errar é humano”, assim diz um dito popular brasileiro, cujo tem sua relevância, pois o erro é algo inerente ao ser humano. Ainda dizemos que sua relevância se dá por conta de quê? É quando erramos que nos tornamos mais humanos e mais detentores do conhecimento, pois o erro nos leva ao acerto.

Acerca dessa reflexão, podemos exemplificar o ato de uma criança sem o discernimento necessário pegar no fundo de uma panela quando a mesma estiver

quente, imediatamente ela sentirá as mãos queimar. Entretanto, em uma mesma situação essa mesma criança não mais pegará no fundo da panela pois sabe que pegou de forma errada da outra vez e queimou as mãos, mas sim pegará pela alça ou até mesmo pegará pelo fundo da panela, porém com o auxílio de um pano ou ela nunca mais chegará perto de uma panela quente, pois ficou traumatizada com a experiência vivida.

Partindo desse pressuposto, assim devemos analisar a prática dos professores com relação aos erros dos seus alunos, como um processo reflexivo e instigador.

Errar nem sempre quer dizer que o aluno não aprendeu, mas que esse ainda está num processo para se chegar ao êxito que é o aprendizado. Entretanto, esse aprendizado só se dará através desse erro se o professor tiver a consciência que o mesmo deve ser trabalhado tal forma que o aluno não seja inibido, criando assim um bloqueio na aprendizagem. Partindo dessa análise, Ferreiro (1993, p. 47), afirma que:

A correção contínua e imediata gera inibição e impede a reflexão e a confrontação. Os erros também necessitam ser interpretados pelo professor, já que nem todos os erros se parecem. Qualquer adulto alfabetizado se engana ao ler ou ao escrever, o que indica seu grau de alfabetização e sua possibilidade de autocorreção.

O erro ele deve ser visto pelo professor até mesmo como um método para sua aula, haja vista que através desse erro o professor pode trabalhar, questionando, fazendo com que seu aluno pensa e reflita sobre o seu erro, sendo assim levando o aluno ao verdadeiro aprendizado. Seguindo essa linha de raciocínio, Sucla (2005), p.181, afirma que

É importante lembrar que o erro deve ser observável pelo aluno, portanto, só a correção não basta. É necessário possibilitar a reconstrução das hipóteses já conhecidas pelo aluno, instigando-o a reformular e elaborar outras respostas. Deve-se mostrar ao aluno, que o erro não ocorre como uma incapacidade de aprendizagem, mas sim um obstáculo a ser ultrapassado. Por isso é importante saber que raciocínio o aluno utilizou para chegar a tal resposta. Nesse sentido é essencial que os professores dêem mais importância aos procedimentos do que aos resultados.

Tratar o erro em sala de aula é falar em algo subjetivo, ou seja, o erro não deve ser tratado pelos professores como algo que é objetivado que se caracteriza

apenas a respostas erradas, depositando a culpa desse erro ao aluno que não aprendeu. Quando dizemos que o erro é algo subjetivo, partimos da premissa que vários são os fatores no qual o aluno pode errar ou não aprender, tais como, poderia naquele dia estar com problemas familiares, estar com fome, ter dormido mal ou até mesmo o método utilizado pelo professor não ter conseguido atingir esse aluno.

Partindo desse pressuposto, o professor deve estar atento e ter essa sensibilidade de que dentro da sala de aula são vários indivíduos, cada um com sua singularidade e que nem tudo que dará certo para alguns, não será da mesma forma com outros. Nesse sentido, no que tange a prática do professor ele deve ser reflexivo quanto à mesma e não jogar a responsabilidade, culpando o aluno aos erros cometidos, utilizando de argumento de que se os outros acertaram e apenas um que não a culpa não está nele (professor), pois como já ressaltado o que as vezes dá certo para uns não dará para outros. Partindo dessa reflexão, Donadon (2012, p.10), explica que,

Desde a Antiguidade muitos estudos denunciam que os alunos foram vistos como tábulas rasas. Isso resulta numa visão de formação de salas de aula consideradas homogêneas, como se fosse possível a transmissão de conhecimentos, não considerando as diferentes formas como se aprende e se ensina e, nem mesmo, o tempo que cada um precisa para compreender e colocar em prática o que foi ensinado.

Talvez muitos professores argumentarão que esse processo; fazer com que o aluno reflita sobre seu erro, é demorado e tomará muito tempo da aula, tendo em vista que as salas são numerosas. Entretanto, diremos que esses professores deverão rever seus conceitos sobre sua prática de ensinar, pois ensinar está muito mais além do que despejar conteúdos para os alunos, mas sim se pauta na qualidade do ensino e o mais importante, se seus alunos estão realmente aprendendo.

O SENTIDO CONSTRUTIVO DO ERRO

O professor atento pode constatar através dos erros e realizar um trabalho específico e eficaz, buscando sempre melhoria em sala de aula. Todos nós temos medo dos erros, pois a sociedade sempre nos mostrou uma visão distorcida, que

errar é sinônimo de fracasso, mas conforme pesquisado aprendeu-se que errar faz parte do processo de construção dos saberes.

Ao professor cabe uma tarefa grandiosa: ensinar, mas é considerável qual a atitude que o professor deve adotar frente ao erro. Podemos considerar os seguintes processos: observação, constituição, antecipação, comparação / verificação / contraposição e explicação / justificativa (MACEDO, 1994).

Como já foi dito anteriormente, errar é característica do ser humano, sendo assim não há porque caracterizá-lo como incapacidade ou impotência, mas devem-se buscar alternativas para a compreensão desse novo desafio.

O erro, assim como em sala de aula ou na sociedade deve ser considerado uma tentativa de acerto, ora ninguém nem o aluno erra por que quer, o professor terá que mediar e desembaraçar a mente do aluno para que se obtenha um resultado positivo e assim o erro tornar o caminho para a solução desses “problemas”.

Temos alguns pontos que são importantes e merecem destaque, não podendo ser deixados de lado, quando não obtemos a resposta ou o resultado esperado é comum ser gerado o sentimento de culpa e/ou constrangimento é certo que o professor não deve expor seu erro para os demais alunos nem julgá-lo ou castigá-lo, através da mediação e acompanhamento o professor que deixa seu aluno trocar informações e experiências com liberdade, sem pressão sana suas duvidas e sem precisar de mais o aluno caminha para o resultado que se espera.

A postura usada pelo professor perante o erro, pode ser analisada de diferentes ângulos, então não se trata de negá-lo ou justificá-lo de maneira complacente, nem de evitá-lo por meio de punições, mas problematizá-lo, transformando-o em uma situação de aprendizagem. (MACEDO, 1994).

Durante a avaliação, é natural a pressão e o medo das provas, já é esperada dos pais e da escola a boa nota do aluno, quando não acontece gera decepção por parte de todos os envolvidos e frustração do aluno, pois medo e a pressão bloqueiam o aprendizado que o aluno construiu.

O aluno terá de se conscientizar do erro cometido, buscando reconhecer que se trata de um obstáculo a ser superado, assim o erro não será visto como uma derrota, mas uma nova partida para saber o que o aluno já sabe e o que não sabe.

A avaliação não deve ser tratada como uma condenação do aluno, mas possibilitar a continuidade do processo educacional, um caminho para o aluno e

professor andarem juntos em busca de assimilação do que já foi ou não aprendido e orientando o processo de ensino-aprendizagem na direção dos objetivos propostos.

O educador deve ter um olhar especial ao avaliar o erro de seus alunos. Deve compreender os erros dos alunos como hipóteses construtivas em relação a um determinado conhecimento e reconhecer seu papel de docente como mediador e interlocutor de seus alunos no processo de ensino e aprendizagem (ABRAHÃO, 2000).

É importante que o aluno não tenha medo de errar, mas assumir a responsabilidade dos seus estudos e das atividades propostas e ter a consciência do erro para corrigi-lo. O erro bem trabalhado enquanto criança, quando chegara fase adulta deixara de ser apenas frustrações, mas será como impulso para descobrir novos caminhos.

METODOLOGIA

Para fins desta pesquisa utilizamos a abordagem qualitativa que trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Como estratégia de pesquisa nos pautamos na revisão bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na literatura analisada, concluímos o quão é necessário conduzir o erro de forma correta em sala de aula. Deste modo, o erro deve ser visto pelo professor e aluno como ponto de partida para o acerto.

O professor deve sempre tratar esse assunto com os seus, pois temos que considerar vários fatores que podem chegar ao resultado não esperado, como uma simples distração ou um dia que o aluno não esteja se sentindo bem. No entanto, o professor deve mediar o aluno, para que o mesmo construa novas hipóteses. De

nada adiantará dizer que a resposta ou frase está errada. É preciso existir o diálogo entre professor e aluno.

Sendo assim, é preciso uma mudança na prática pedagógica para atender os alunos, fazendo que os erros sejam notáveis e assim sejam superados.

REFERÊNCIAS

DONADON, J. C. A heterogeneidade e a sala de aula – um estudo sobre concepções teóricas e ações práticas em salas do ensino fundamental II de uma escola particular em São Paulo. **Trabalho de conclusão de curso**. Universidade Presbiteriana Mackenzie: São Paulo, 2012.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FERREIRO, E. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1993.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa: a pesquisa científica**. 1ª ed. Rio Grande do Sul: Editora UFRGS, 2009.

HYPOLITTO, D. **O professor como profissional reflexivo**. Integração (São Paulo), São Paulo, n.18, 1999.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. 30ª ed. Vozes: Petrópolis - RJ, 2012.

SUCLA, V. M. **O sentido construtivo do erro in EDUCERE** – Congresso de Educação da PUCPR. Curitiba: Champagnat, 2006. Acessado em: 09 de Jun. de 2015. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/anaisEvento/docs/CI-018-TC.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2015.